

SECÇÃO FINANCEIRA

O meio circulante do Brazil

IV

BANCOS DE EMISSÃO
REGIMEN BRASILEIRO

CREAÇÃO DO 2º BANCO DO BRAZIL

Apesar dos grandes desastres do primeiro banco do Brazil, que deixaram impressão profunda e desanimadora no espirito publico; os nossos homens de governo, continuaram, todavia, a reconhecer que a existencia de instituições bancarias era coisa indispensavel ao paiz, para facilitar as transações do commercio e os progressos de sua nascente industria.

Quando na sessão parlamentar de 31 de Maio de 1826, o deputado Vergueiro fez uma primeira indicação para se mandar proceder a exame e informações acerca do estado daquelle primeira banca, sustentando a referida indicação, o seu auctor não deixou, desde logo, de accentuar:

« Que devendo fundar dentro de dois annos o praso da instituição (o banco) era de necessidade absoluta tomar-se algum arbitrio anticipado sobre o modo porque seria conservado: ou prorogando-se ou substituindo-se-o por outro... »

Nas discussões parlamentares, que se seguiram nos annos de 1827 a 1829, foi, mais de uma vez, demonstrada a necessidade do banco para o paiz, embora reformado completamente, quanto aos modos de sua administração, operações e privilegios.

Neste ultimo anno, tendo sido votada, como já sabemos, a lei da sua extincção; não convenciado estava, não obstante, o governo dos inconvenientes que a execução do facto devia trazer, (muito embora fosse este, no momento, necessario) que, mesmo antes da promulgação da lei referida, apresentara na sessão da camara dos deputados de 28 de Agosto uma proposta e projecto para a criação de um novo banco, nas condições, que então reputava de melhor garantia e conveniencia.

Na sessão parlamentar de 1830, outras propostas foram offerecidas sobre o mesmo objecto, sendo, principalmente, dignas de menção a do Sr. Martim Francisco e a da commissão do meio circulante.

A proposta do Sr. Martim Francisco foi acompanhada de um longo discurso (sessão de 7 de Junho de 1830) em que elle notavel estadista se propoz a discutir e a analysar a materia sob todos os seus varios aspectos e possiveis consequências.

Escrevendo a respeito de semelhantes propostas, um nosso historiador contemporaneo: (*)

« As recommendações do imperador acerca da organização de um banco nacional encontravam ainda menos attenção do que nos outros casos. Quatro projectos foram apresentados: um já offerecido por Calmon em 1820; outro pelo Marquez de Barbacena, ministro da fazenda; outro, mais largamente desenvolvido, por Martim Francisco e finalmente o quarto proposto por dois membros da commissão do meio circulante e apresentado pelo deputado Lado. Todos estes projectos foram successivamente rejeitados pelos deputados, que estavam desanimados pela pessima conduta havida na administração do extinto banco, de sorte que nenhum desejo tinham de que tão depressa se organisasse outro. »

Este juizo do autor está, sem duvida, de perfeita harmonia com os factos da época.

Porquanto, na sessão da Camara, de 18 de Outubro daquelle anno (1830), sendo levantada esta proposição: « Crear-se-ha, ou não, um banco? » Decidiu-se affirmativamente. Mas, finda a discussão, e posta a votos; venceu-se, que não houvesse banco nacional, e isto, apenas, contra o voto de 11 deputados!

No entanto, as condições monetarias do paiz continuando a offerecer o mais desagradavel aspecto, sobre tudo, devido ao excesso da moeda de cobre, que se havia tornado o instrumento geral da circulação em todo o imperio; a discussão dos meios tendentes a melhorar semelhante situação continuou ao mesmo tempo, a occupar de preferencia a attenção da Representação Nacional.

Na sessão de 1831 appareceram varios projectos e alvites neste sentido; e na de 1832, proseguindo-se no mesmo empenho, foi apresentado a 18 de Junho,

(*) Armitage — Historia do Brazil.

na Camara dos Deputados, um projecto da Commissão Especial do melhoramento do meio circulante, o qual, se propondo abranger toda a materia, continha não só disposições relativas a reorganizar a casa da moeda da corte, a fixação do novo padrão monetario, ou o preço dos metaes amoeitados, a circulação do ouro em pó, etc.; mas, tambem, consagrava as bases geraes precisas, para a criação de um banco nacional de emissão.

Foi longo e assas importante o debate levantado na camara, por occasião de discutir-se o projecto da commissão dita, conjunctamente com uma emenda substitutiva do Sr. deputado Pires Ferreira. Ficando, porem, o projecto em terceira discussão, — sem que, doutro modo, se tivesse tomado medida alguma decisiva sobre materia tão relevante; era natural que, na sessão seguinte de 1833, — a mesma questão de um novo banco, de involta com a do meio circulante, em geral, — voltasse a preoccupar seriamente a attenção do governo e do parlamento.

Com effeito; segundo se sabe, naquelle anno fora convocada, extraordinariamente, a assembleia geral legislativa, para o fim de tomar medidas tendentes ao prompto melhoramento da nossa circulação monetaria, maxime, tendo em consideração a necessidade de occorrer... ao progresso dos males provenientes da ruínoza moeda de cobre que na maior parte constituia então o meio circulante do Imperio... São palavras da falla do theso, com que, em 10 de Abril, de 1833 foram abertos os trabalhos da referida Assembleia.

Na roça

PAYSAGEM

AO DR. ENNES DE SOEZA

Em meio a escuridão crepuscular matinal.

A sineta do sitio acordava a gente do trabalho. Appareceram luzes entre as sombras das arvores, assobios silvaram nos caninheiros, gritos de chamada reboaram na colina, e a sineta vibrou, vibrou de novo, pausadamente, o toque d'alvorada.

Era a hora da sahida para os campos. Um ar tepido, que parecia vir impregnado do sol ainda recluso, soprava de leve, e tão delicadamente festejava as flores que nem uma petala voava, nem um pistillo cahia.

Da terra viçosa vinham todos os perfumes das flores humilidos; vinham os balidos das ovelhas que marravam no cereado e o mugido possante dos bois anciosos pela liberdade dos prados verdes.

Luciluziam no céu escuro estrelas retardatarias e, de vez em vez, um *eh lá* de *de campeão* ecoava no silencio.

Cavallos relinchavam perto da varanda e os cães do sitio, no grande terreiro escuro, ladravam aos vultos dos campones, que passavam de um lado para outro, com os lombos nos hombros, arrastando as chibenas.

Velhos negros, morosos, tocavam eguas e crias para os tenros capinzais da esplanada; outros, com o cachimbo nos beigos, entravam nos chiqueiros esbordando os porcos que grunham de fome, alguns, enormes, espalhados no lodo, roncando voluptuosamente com o foincho n'agua.

As aves annunciavam-se pelo ruido no matto.

Dos gallos baixos voavam gallinhas, outras surdium dos macegas, entre um rebanho de pintos penugentos, patos appareciam rebolando-se e escondidos nas arvores os gallos saudavam-se com prolongados *co-co-ro-co's* alegres.

Carreiros somnolentos jurgiam os bois á canga, assobiando canlitas sertanejas, e moleques, guias de gado, bocejavam com os braços por cima da cabeça, estalando os dedos na carapinha fula.

Clareava. O cume alto das serras pulverizava-se de luz — as montanhas iam a pouca e pouco emergindo do abismo tenebroso da noite e o barulho das agnas correntes diminuia suffocado pela azafama do serviço.

Os gallos na herva molhada e cheirosa gritavam uma aria de festa rebrante — os sapos, nos pantanos, respondiam monotonamente, n'uma cantilena metallica, rythmada, vibrante como um rebato de mathos nos esconderijos de lama — um pagode barbaro nos grammados baixos.

Nos gallos o fru-fru das azas das pombas prestes a partir para a arca dos rios, e dos copados prus-d'arcei, cobertos de flores, os sahias sentidos deixavam fugir os primeiros gorjeios.

Em torno de uma velha mangueira, abundante de folhas, capaz de acolher um rebanho á sombra de seus gallos,

uma velha negra distribuia o café aos que partiam para os campos.

Ao lado do boião de barro, agrupados, de cocoras, cada um com a sua tigella, os sertanejos pisavam a rapadura para adoçar o café. Um cantava uma quadra serrana e os outros respondiam em coro o estribilho, enquanto a velha resmungava empurrando os pequenos.

Os vaqueiros que iam para a vaquejada nas campinas distantes, enchiam os surrões de viveres e saltavam para os cavallos com o barbicacho entre os dentes, o cabano de couro na nuca e o laço na anca do animal fogoso.

Um *op lá!* e partiam em cavallhada pelo caminho a fora, seguidos pelos cães vagabundos, magros molossos creados nos capinzais.

De repente, no cimo da montanha, estendeu-se o clarão púrpureo da luz e o flabello triumphal da aurora cobriu toda a serra de ouro.

Era dia. Os carneiros lanudos em magotes seguiram por um caminho estreito, levados por dois moleques; as cabras tomaram a direcção da colina e na varanga appareceu uma mulatinha, com uma abada de milho e chamando as aves poz-se a atirar mancheias no terreiro.

Vieram voando ao rez da terra as gallinhas, os patos, grasmando, com as azas bulhentas levantando poeira; os perús, entufados, orgulhosos, explodindo — de quando em quando num *gru-gu-lhu* vaidoso — e todo esse mundo curvou a cabeça na terra, tumultuariamente, engolindo os bagos louros com um *clí clí* sonoro.

De repente! um guincho estridente subiu do terreiro — depois um ghiado rispido, outro — uma chirinola de rangidos, finos, uma rincharia aguda e a voz dos homens, de aguilhada ao hombro, falando aos bois na linguagem do *E cou! eh lá!*

Eram os carros que partiam para a colheita da canna. Subito, na crista do monte, o disco do sol surgiu e rolou depois pelo azul como uma malha enorme de ouro jogada por um atlante.

Desde o primeiro toque da sineta que Germana se achava no terreiro, encostada ao moirão, acompanhando o serviço.

A pobre rapariga pensava na carta do noivo, que lhe fora entregue na véspera pelo estafeta.

Ouvira-a uma só vez, lida pelo portador, e tudo que ella continha, a sua alma guardava.

Fora escripta nas terras assoladas do paiz inimigo, sobre o anteparo de um canhão, enquanto o exercito descangava de uma batalha. Quanta saudade! dizia o noivo. E contava os episodios da vida aventurosa que levava, os temores, os receios, a eterna vigília, a morte sempre diante dos olhos e ella sempre no coração.

Descrevia as campanhas, os fogues de clarim e as bombas que sahiam chamamejantes das bocas dos canhões, derubando soldados, como o vento, e referia-se ao sitio, ali derrubada as flores do pau d'arco. Terminava enviando a sua alma apaixonada a noiva.

E Germana, a triste mulata escrava, passou a noite toda a pensar em Claudio.

Antigamente, ao primeiro raio de sol, elle era o que sahia primeiro para o campo, o seu cavallo o mais prompto a galopar, airoso entre os outros, relinchando de valentia e partindo rapido pelas estradas mal o *upa!* soava e as chibenas roçavam-lhe pelo ventre luzidio. Hoje andava no lodo, abandonado, como um velho pangaré sem prestimo, posto á margem pelo dono.

R Claudio, longe, na campanha, para onde o senhor o enviara com mais outros para conseguir um titulo do governo.

E Germana chorou a noite toda, beijando a carta dictada pelo seu amado que andava em nuvens de polvora, longe do seu affeito, brigando pela patria e deixando morrer de amor quem tanta o amava.

Sem somno, mal ouviu a sineta do sitio, teve um estremecimento. Desceu para o terreiro... pareceu-lhe ouvir a voz de Claudio...

Encostou-se ao moirão, olhando desvairada para todos os cantos. Appareceram-lhes entre as arvores... assobios no caminho, gritos na colina e ella, impressionada, nervosa, julgou ver pelotões inimigos, andando pelas trevas agachados, para eilhem de improvisos sobre o desventurado noivo.

O balido das ovelhas e o mugido dos bois soavam-lhe aos ouvidos como queixumes finaes de soldados moribundos — entre elles Claudio.

coberta por uma cortina de seda verde.

Antes de sair, fingindo não o gabineito em ordem, tivera o cuidado de deixar esta porta entre-aberta e alli, occulto por trás do espaldar largo de uma poltrona.

Achava-se alli escondido havia meio minuto, quando o pequeno saio annuncionou:

— O Sr. duque de Rouvres!

XIII

Davam oito horas quando o duque entrou no gabinete do Sr. de Kerhoët.

— O senhor? pontual, — disse o almirante.

— E' isso para mim uma lei.

— E' inutil perdernos tempo em palavras, — disse o almirante. Julgo que estamos de accordo?

— Em todos os pontos.

— Muito bem.

— O almirante trajava um veston azul de fazenda encorpada. Um bonet de marinha sem galões achava-se sobre a mesa em frente da qual elle estava sentado.

O duque conservava-se de pé junto á chaminé.

Noil, do outro lado da porta, retinha a respiração e não perdia uma palavra da conversação.

O almirante proseguia, consultando suas notas:

— Dissamos o bosque dos clareos.

— Com effeito.

— O senhor, entrará pela extremidade da alameda, que o divide a meio.

— E'he o norte ou o sul?

— Campo fur do sol agudo.

— Tome o lado do Vilesvus, signor.

O *eh lá eh lá* dos campeiros era como a voz imperativa dos capitães commandando o massacre.

O rolheio dos cavallos pacíficos lembrava-lhe a bulha guerreira de um esquadrão, avançando a redea baixa contra os miserios soldados, companheiros de seu noivo — e os campones que passavam arrastando as chibenas eram como os cavalleiros desmontados, errantes pelo campo, ao lusco-fusco da manhã, vencidos.

De repente, a rovoada de aves fel-a estremecer e o grito dos gallos era como o brado de alerta nas fileiras.

Germana tremia, apertando entre os dedos a carta estremecida.

Os carreiros, ao lado dos grandes carros, eram como artilheiros ferozes pondo os canhões em bateria para a descarga de alerta nas fileiras.

E tudo se aclarava com o vomito das pegas — a treva desaparecia diante dos relampagos dos canhões.

Subitamente, uns guinchos vibraram, fortes, aisonantes, guinchos como toques de clarim no campo, e Germana, levantando os olhos lacrmosos, viu, no alto do monte aceso como uma cratera o sol entre as chammás do nascente, rubro, enorme, redondo, flammivomo, como uma metralha mortifera voando pelo ar sereno contra um inimigo invisivel — Claudio talvez... Claudio, o seu noivo!

E hirta, levando a carta aos labios, cahiu na gramma orvalhada, justamente quando os carros partiam ao som da cantiga dos guias:

Morena, minha morena,
Minha flor da serra,
Quando um dia não te vejo
Eu não vivo nesse dia!

Carmen Netto.

O ministerio da marinha solicitou o pagamento da quantia de 744,050\$, de que são credores Wilson, Sons & Comp., limited, pelo carvão fornecido nas provincias da Bahia e Pernambuco nos mezes de Março e Abril do corrente anno.

O ministerio da marinha rogou ao da fazenda a expedição de ordem no sentido de ser paga a Nery & Luisello a quantia de 3,726,446\$, por supprimentos feitos ao cruzador *Trojano*, em Montevidéo nos mezes de Março e Abril do corrente anno.

Pelo ministerio da marinha foi reletterado o pedido feito em aviso n. 467 de 22 de Março ultimo para que seja a soursaria de fazenda do Pará habilitada com o credito de 7,518,885\$, por conta da consignação destinada na verba — Pharoés — para construcções e reparos.

O FORO

Audiencias amanhã:
Juiz da segunda vara commercial, a 1 hora da tarde, e o substituto ás 11 1/2 horas da manhã.
Juiz de orphãos da 1ª vara ao 1/2 dia.
Cofre de orphãos da 2ª vara ás 11 horas da manhã.

DE CURO PRETO

A « Agua Limpa. » — Um poeta onde menos esperava encontrá-la. — Um liberal republicano. — Ossadas encerradas. — Um carro especial. — A decisão da Relação.

De todos os ribeiros que cortam esta cidade, como pequenas artérias, o preferido para a lavagem dos corpos pelos ouro-prelatos, é o que traz o nome de *Agua Limpa*.

Não sei donde vem semelhante denominação: encontra-se no lugar e sem mais rebuço a fui aceitando. Não me parece que a *Agua Limpa* seja o ribeiro de aguas mais claras desta cidade, em que quasi todos os regatos são de aguas mais ou menos sujas.

Outros tenho visto despendo das montanhas, alvos, rutilantes, espalhando espumas da cor do linho em desfiladeiros pelos grandes lagos de argill-prateadas.

Também não affirmo ser a *Agua Limpa* o nome do ribeiro ou simplesmente o lugar que serve para a lavagem.

terá assim a vantagem de ficar o s. l. alaz do s.

— Pois seja.

— Si prefere a espingarda á pistola, ainda é tempo.

— A pistola parece-me mais conveniente. Ser-me-hia desagradavel ser morto como um cabrito montez ou como um javali.

— E'he preta a resposta, — disse o almirante. Encomendarei pistolas. Aqui estão ellas. As caixas ainda não foram abertas, estas armas estão virgens. Pode certificar-se. O duque examinou-as. As caixas continham dois pares de pistolas e quatro cartuchos e disse:

— Está muito bem.

— Escolha.

— São exactamente iguaes e valem tanto umas como outras.

— Avancaremos, um contra o outro, na alameda, sem nos occultarmos. Atirados os dois cartuchos, nossos direitos achar-se-hão esgotados. São estas as nossas condições, não é assim?

— Perfeitamente.

O Sr. de Rouvres fez funcionar os fechos das pistolas e tomou dois cartuchos.

— Não nos resta mais, — disse o almirante, — que assignar a declaração destinada a provar, que, em caso de morte, ella deve ser attribuida ao suicidio.

— Já está feita.

O duque de Rouvres tirou de uma cartolina um papel dobrado em quatro e apresentou ao almirante, dizendo:

— Leia!

O maritimo tomou o papel e li-o com tanta calma, como se se tratasse de um contracto de venda ou de um convite para um jantar.

Este local destinado a refrescar a pelle dos muito leaes subditos ouro-prelatos e de limpal-os do suor, da gordura e da poeira, consiste numa queda da altura de perto de dois metros, bastante forte pelo volume d'agua que della se precipita.

Ao lado esquerdo da margem está um grande e vasto banco farrado de grandes lagos onde se assentam para despirem-se e enchugarem-se aquelles que vão receber sobre a espinha dorsal tão forte pancada refrigerante.

Estudantes, advogados, deputados geraes e provinciais, empregados publicos, taberneiros, padeiros, açougueiros, tropeiros, ociosos etc., vão pagar o tributo variado de seus corpos á *Agua Limpa*.

— En também lá tenho ido e em uma das vezes encontrei-me com um sujeito alto, gordo, de olhos, antipathico, com um estomago grande, uma barriga maior e um ligado immenso.

Este individuo trazia para limpar-se um esfregão de palha de milho secca, um sabão de alcatrão e um lençol nada limpo.

Mais tarde soube que era alferes da guarda nacional.

Antes de entrar no banho levou seguramente um quarto de hora a despegar um emplastre que tinha grudado á pelle de lado da sede das molestias hepaticas.

Outro que lá tinha ido, empregado publico, era baixo, magro e calvo, signal de que temperado os cabellos da cabeça talvez em serviço do governo. Depois de me fazer um grande elogio da *Agua Limpa* concluiu, dizendo que era mais conveniente a construcção de um edificio de banha perto do citado local.

Ainda mais me convenci da sua idea quando o vi, depois de sahir-debaixo da cachoeira, abaixar-se, sacar da bocca uma dentadura e começar a esfregar-a.

Venha, pois, o estabelecimento balneario para impedir a exposição publica de dentaduras de todos os tamanhos e feitios!

Dizem que *Agua Limpa* servia outrora para lavar ouro; hoje serve apenas para tirar gorduras.

Que destino!

Na véspera do dia 21 de Abril dirigime a casa de um francez, baixo, de olhos gazeados, bigode e cavainço grisalhos e cabellos idem, que accumulava as funções de armarinheiro e ferragista.

Tinha ido, ao seu estabelecimento comprar uma roldana para prendel-a a um mastro, onde ia arvorar um bandeira.

Ahi alguém mostrou-me uma poesia inedita sua e live enseo de ler algumas de um manuscrito que elle tem leuão de estampar em letra de forma.

A poesia que é extrahida do referido manuscrito intitulado: *De l'origine des peuples de l'Amérique* é o que abaixo transcrevo e foi aqui impressa em avulsos no dia 21, sendo seu autor o Sr. Guillaume Amédée Péro:

Eil-a:

J'entre á Villa-Rica qu'on nomme Ouro Preto

On avoit sur ses murs cloué la chair sanglante

D'un Patriote affreux à la reine regnante;

Une colonne infame, erigée en son lieu,

Désignait sa maison à la haine de Dieu;

Le Portugais cruel exaltait sa victoire,

Mais le Martyre ouvrait les portes de la gloire,

Où, bientôt, le Brésil entrera tout entier

Faillant sous son mépris ce Portugal allier

A' respeito de politicos ainda não entendi os daqui. Assim é que no sessão solemne realizada em honra á memoria de Tiradentes, o bacharel Cesarino Ribeiro, um dos redactores do *Liberal Mineiro*, pronunciou um discurso que, apesar da pronunciação demasiadamente pausada, teve o timbre um tanto violento.

O insignificante fabricante destas garatujas não pode tolerar que um monarchista, embora liberal, como o bacharel Cesarino, ataque as monarchias passadas presentes e futuras em discursos publicos.

Isso é um perigo para as instituições que nos regem e daqui lavro o meu protesto; e, antes de passar a assumpto seguinte, rectifico um engano que foi na correspondencia passada.

O quadro que esteve em exposição no palacio não representa Tiradentes respondendo a interrogatorio, mas sim ouvindo a leitura da sentença que o condemnara á morte, assim como aos demais conjurados.

Um corte que estão fazendo em uma montanha argilosa para o estabelecimento de uma estrada de rodagem, en-

« Meu caro almirante,

« Julgá-me geralmente feliz. A apparencia destroe as apreciações. Ella occulta um tedio profundo. A vida parece-me de uma monotonia profunda; o snieen britânico nada é em comparação do que me depara.

« Provêi e abusei de algumas distrações banaes que passam, individualmente, por prazeres. Sou um personagem affe-gre aos olhos das pessoas que nada veem além das exterioridades. Algumas me invejam. Fazem mal. Para escapar ao aborrecimento que me parece um flagello peor que a peste e o typho que assolam a terra, vou enpregar uma hora em alguns dos órgãos essenciaes do meu corpo. Si a machina parar, que não accossem sinão a mim por este acto deploravel. Considero-o como uma cura.

Seu amigo

ROUVRES.»

— Claro, mas um pouco fibroso, replicou o duque; mas o senhor deve comprehender que não estou habituado a redigir estas actas mortuarias e falta-me a pratica. Basta-lhe isto?

— Certamente.

O almirante lançou o papel em uma gaveta e escoreveu rapidamente duas linhas que entregou a seu adversario:

« Meu caro duque,

« A vida é para mim um peso por motivos que só eu conheço. Quero acabar com ella. Mal-me, Aires.

ALMIRANTE DE KERHOËT.

— Está tudo em regra, — disse elle. Agora só nos falta a execução do nosso projecto. Está prompto?

contraram os trabalhadores umas ossadas humanas.

Algumas pessoas foram vel-a e a opinião corrente logo originada asseverou ter alli sido o lugar de um antigo cemiterio.

Um carro por esta cidade causa a mesma admiração que um bolide atravessando a atmosphera.

Com effeito, um vehiculo aqui restringe o seu percurso a umas tres ruas, porque as demais são ladeiras improprias para carros e quando muito adequadas a planos inclinados.

De um individuo que nestas condições possue um carro, pode dizer-se que tem o luxo de ter carro. O mais interessante é que este carro, que é uma meia caleça, já muito velha, pertence a uma influencia politica cá da terra e só apparece em dias de eleição ou de qualquer outro acontecimento com caracter politico.

O referido carro tem o merito de ser o unico existente na cidade e é por isso que a sua passagem acoreta as janellas dos moradores e faz embasbacar os transeuntes.

Quando vi semelhante novidade, pensei que seria muito aproveitavel ir um sujeito ao lado do cocheiro, com uma bandeira na qual estivessem escriptos o resultado da eleição, o dia de annos ou a morte de qualquer cidadão do mesmo credo politico do proprietario da traquineta.

Ao menos seria um carro-annuncio politico.